UCLA
Mester

Title

Brasis calcados? Provincianos na arena modernista

Permalink

https://escholarship.org/uc/item/3np4z3hz

Journal

Mester, 37(1)

Author

Dias, Silvana Moreli Vicente

Publication Date

2008

DOI

10.5070/M3371014706

Copyright Information

Copyright 2008 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at https://escholarship.org/terms

Peer reviewed

eScholarship.org Powered by the California Digital Library
University of California

Brasis calcados? Provincianos na arena modernista

Silvana Moreli Vicente Dias
Universidade de São Paulo, Brasil

As obras dos escritores modernos brasileiros Manuel Bandeira (1886–1968) e Gilberto Freyre (1900–1987) articulam uma série de questões relacionadas ao tema da "província", as quais, em última instância, iluminam sua configuração particular na literatura brasileira das décadas de 20 e 30. Apontando para o enraizamento do sujeito e para a concretude da experiência, a província acabou servindo, muitas vezes, apenas para significar um contraponto aos valores da civilização burguesa simbolizados pela cosmópole. Portanto, em nome da superação da herança brasileira colonial e escravocrata, representaria um espaço que deveria ser transcendido. O resultado disso seria dar-se à província uma posição tão-somente periférica na literatura e na cultura brasileiras. Porém a leitura que Bandeira e Freyre fazem dessa província calcada—que se entenda como pisada, em estreita ligação com a terra, mas principalmente menosprezada e reprimida—, ao se voltarem para o passado e ao proporem, como eixo de seu discurso, a conservação—da arquitetura colonial, da língua "brasileira", dos valores "autênticos" e da memória, por exemplo—, acabou por constituir uma linha característica no Brasil da primeira metade do século vinte, a qual não deve passar despercebida. A própria força com que ambos escritores procuraram trazer os elementos marginais (como a herança africana) para o centro do debate artístico e intelectual da época é exemplo de uma revalorização positiva—sem prejuízo do componente crítico—de elementos provincianos.[1]

Na crônica "Sou provinciano", editada pela primeira vez em livro em *Andorinha, andorinha*, de 1966, organizado por Carlos Drummond de Andrade, Bandeira, ao ressaltar os laços com a província e sua condição provinciana, afirma:

> Conheço um sujeito de Pernambuco, cujo nome não escrevo porque é tabu e cultiva com grandes pudores esse provincianismo. Formou-se em sociologia na Universidade de Colúmbia, viajou a Europa, parou em Oxford, vai dar breve um livrão sobre a formação da vida social brasileira... Pois timbra em ser provinciano, pernambucano, do Recife. (*Poesia completa* 668)

O texto, originalmente publicado em 12 de março de 1933 no jornal *Estado de Minas*, indica que, já naquela altura, o nome de Gilberto Freyre, ensaísta que viria a se tornar um dos principais intelectuais do país na primeira metade do século vinte, circulava em outros redutos brasileiros que não somente o "provinciano" Pernambuco. Pensar na figura de Freyre como "tabu" a partir da década de 50, quando foi rejeitado pela sociologia acadêmica, de bases sólidas na universidade paulista, e quando foi acusado de apoiar movimentos reacionários, o que culmina com sua cooptação pelo governo militar brasileiro instaurado em 1964, é quase um lugar-comum. Mas o fato de ser um "tabu" no início da década de 30 aponta para uma idéia cuja raiz, mais antiga, pode estar em sua peculiar atitude voltada para a polêmica, talvez motivada, por exemplo, pelos seus confrontos ousados na imprensa, o que desperta a ira de políticos e de intelectuais locais, como Joaquim Inojosa (1901–1987), que ostentava o título de introdutor do Modernismo em Pernambucano, apoiando-se no escritor Mário de Andrade (1893–1945); ou talvez pela sua relação explicitamente problemática com os modernistas "do Sul", os quais rejeitava por seu suposto "futurismo", como contraponto—compreensível em uma sociedade afeita aos debates públicos—à sua defesa dos valores regionais e tradicionais.

Nesse sentido, tampouco Freyre era uma figura que gozava de recepção unânime na década de 20, quando atuava sobretudo como jornalista. E, no meio da polêmica do escritor com os chamados "futuristas", Bandeira acaba assumindo o papel de mediador. E tal intermediação, para além das conquistas da amizade e do convívio social, pode ter lhe propiciado aprendizagens literárias mais conseqüentes. Nesse sentido, a convivência com Freyre, que se iniciou em 1925, pode ter facultado ao poeta não só ampliar um repertório de temas, mas também desenvolver um estilo peculiar: "Foi nas páginas da *A Província* que peguei este jeito provinciano de conversar" (*Poesia*

completa 668), testemunha Bandeira, que foi um dos colaboradores regulares do jornal do Recife quando este era dirigido por Gilberto Freyre, entre 1928 e 1930.[2]

No contexto da década de 30, após a escrita de *Casa-grande & senzala*, que seria publicado naquele mesmo ano de 1933, a reputação de Freyre como escritor, historiador e antropólogo se consolidou no país, bem como seu nome passou a circular no exterior, especialmente nos meios acadêmicos voltados para o estudo da América Latina. A forma de sua escrita o consagrou como um dos nossos grandes ensaístas, e suas formulações sobre o Brasil alçaram-se como das mais importantes e produtivas já feitas ao longo de nossa história.[3] Num país que não costuma ser "amigo do livro", como diria Freyre, é emblemático o fato de termos duas grandes e minuciosas biografias—e não são as primeiras—lançadas recentemente num curto espaço de tempo: *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, de Maria Lúcia Pallares-Burke (2005), e *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*, de Enrique Larreta e Guillermo Giucci (2007). E, no raiar do século vinte e um, a obra de Gilberto Freyre ainda provoca acaloradas discussões.[4]

Por sua vez, a inserção do nome de Manuel Bandeira no cânone da literatura brasileira do século vinte é indiscutível. Em sua trajetória, assumiu a tarefa de "abrasileiramento do Brasil", trazendo à tona, em plena década de 20 e 30, temas como a formação nacional, a língua, a música, a religião e arquitetura brasileiras, com uma coerência insuperável em sua geração. Circulou por diversos grupos modernistas e foi simultânea e sintomaticamente amigo de Mário de Andrade e de Gilberto Freyre, bem como de outros paulistas e pernambucanos, ao lado de cariocas, mineiros etc.[5] Seus poemas, suas crônicas e seus ensaios sobre temas brasileiros mostram como buscou construir formas sólidas, nada abstratas ou cartesianas, de aproximação com a matéria local.

Considerando-se que páginas fundamentais do Modernismo no Brasil foram escritas pelos pernambucanos Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, o encontro dos dois, desse modo, não seria de pouca importância. Falando sobre o início da correspondência entre ambos, quem muito orgulhosamente recupera seus primeiros lances em perfil biográfico dedicado ao poeta é Freyre, afirmando como seus artigos sobre "cozinha pernambucana, sobre o munguzá, o doce de goiaba, a tapioca molhada" (Freyre, *Perfil de Euclydes* 176) foram a isca para que Bandeira lhe escrevesse. Na conjuntura em que o movimento

regionalista nordestino, de cunho moderno, começava a se organizar, com uma abertura para a caricatura e para a exaltação do pitoresco, Freyre teria "se atrevido" a pedir ao poeta uma encomenda.[6] Com um narcisismo voraz, nestas linhas, o ensaísta explica como consegue o grande feito que acabou sendo magistralmente estampado em lugar de destaque na publicação comemorativa que viria a ter o título de *Livro do Nordeste*:

> O admirador tem sempre alguma coisa de gato—aquela manha já célebre do gato, que parece estar somente agradando, afagando e fazendo festa à pessoa amada, quando na verdade está se aproveitando dela para alisar o próprio pêlo. Não me julgo exceção à regra geral. Conjugo o verbo "admirar" como todos os admiradores: aproveitando-me um pouco da glória da pessoa admirada; convencendo-me de que a admiro por causa das semelhanças, das afinidades, dos pontos de contato agradáveis. A mesma técnica voluptuosa do gato. Sucede, no caso, que o poema em certo sentido mais brasileiro de Manuel Bandeira—"Evocação do Recife"—ele escreveu porque eu pedi que ele escrevesse. O poeta estranhou a princípio o pedido do provinciano. Estranhou que alguém lhe encomendasse um poema para uma edição especial de jornal como quem encomenda um pudim ou uma sobremesa para uma festa de bodas de ouro. Não estava acostumado—me escreveu de Santa Teresa—a encomendas dessas. Parece que teve vontade de não escrever poema nenhum para a tal edição—que se tornou depois o *Livro do Nordeste*, organizado em 1925 para comemorar o primeiro centenário do *Diário de Pernambuco*. Mas um belo dia recebi "Evocação do Recife". (*Perfil de Euclydes* 176)

Como contado nessas linhas barrocas bastante representativas do estilo de Freyre, sua resposta ao elogio de Bandeira em carta é a encomenda de um poema para a edição comemorativa do centenário do *Diário de Pernambuco*. A correspondência foi, assim, fundamental para que as afinidades se delineassem e novos rumos se abrissem. A partir dessa aproximação com a província, Bandeira, por coincidência ou não, toma este como um tema recorrente em sua poética. O encontro parece ter sido temperado com uma boa dose provinciana,

às vezes com laivos de um ludismo quase infantil, ou de um erotismo e de uma sensualidade marcantes, ou ainda de uma sutil ironia—isso no campo literário, sem mencionar as mulatas e guloseimas compartilhadas no reduto provinciano durante as viagens de Bandeira ao Recife em 1927 e 1929, registradas no diário de juventude do sociólogo. Sobre o aprendizado com Gilberto Freyre, afirmaria Bandeira em sua autobiografia *Itinerário de Pasárgada*:

> Para completar (e de certo modo contrabalançar) essa influência havia os amigos do Rio, amigos que, a partir de Ribeiro Couto, fui fazendo em cadeia: Jaime Ovalle, Rodrigo M. F. de Andrade, Dante Milano, Oswaldo Costa, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Morais, neto. Lista a que devo juntar, depois de 1925, o nome de Gilberto Freyre, cuja sensibilidade tão pernambucana muito concorreu para me reconduzir ao amor da província, e a quem devo ter podido escrever naquele mesmo ano a minha "Evocação do Recife". (Bandeira, *Poesia completa* 65)

E, se se poderia esperar dos dois escritores um diálogo intelectual intrincado, o que se revela é uma aparente franqueza isenta de vontade de prestígio e de status social. Ambos parecem se sentir muito à vontade, utilizando uma linguagem de sesta—para recuperar expressão do poeta brasileiro, também recifense, João Cabral de Melo Neto (1920–1999) com que traduz a linguagem de Freyre[7]—, a qual articula pessoas, paisagens e hábitos ligados ao universo da intimidade. Tal perspectiva, de uma representação aparentemente despretensiosa, se transfere para a tentativa de construções literárias que se querem recuadas no tempo, supostamente bem guardadas dos elementos invasivos da modernidade despersonalizadora. Atento para o fato de que sua atitude poderia assumir a roupagem de um anacronismo ingênuo e, ao mesmo tempo, carregar pejorativamente significados que remeteriam a uma rusticidade tosca e exclusivamente sentimental, Freyre procura tornar o conceito da "província" mais complexo, ligando-o também ao pensamento e à prática vanguardista que acompanhara nos Estados Unidos durante os tempos de estudante, o que resulta em uma escrita de pendor imagético e em uma prosa literária de ritmo, pode-se dizer, sincopado[8]. Nessa linha de agregação de elementos contrastantes, em trecho de carta a Bandeira de 1931, quando o sociólogo passou

temporada em Stanford como professor, Freyre coloca lado a lado definições, à primeira vista, antagônicas de si mesmo, na tentativa de dar a ver a imagem de um sujeito de inúmeras faces, como um mosaico de peças com variadas proporções:

> E um desses dias, aí chegará num cargueiro ou na 3° classe de um alemão este provinciano (cosmopolita, cigano, romântico, *modern*, *intellectual*, radical, reacionário, revolucionário, ortodoxo, Raul Dos Passos—(irmão do Dos Passos, daqui, o de *Three soldiers*). Seraphim Jung, Jorge Rialto, Antonio Ricardo etc. etc.—oxoniano, M. A. Columbia, Stanfordiano, etc. etc. etc.). Raspado tudo isso, o provinciano, a quem todas as festas da California não fazem esquecer o gosto amargo (desculpe esse classicismo-zinho) de um maracatu do Outeiro (sem Ascenso e sem "Regionalistas" presentes). Entretanto, eu posso raspar tudo isso de mim? Na província, a nostalgia do grande mundo não me deixará de todo; as memórias, que estavam secando, abriram-se de novo em verdadeiras feridas. Meu caro Flag, desculpe tanta literatura; não é só literatura. (Carta para Manuel Bandeira)

Desse modo, Bandeira, poeta modernista já conhecido no cenário literário nacional de meados da década de 20, passa a corroborar, em certa medida, o projeto de modernização paradoxalmente cosmopolita e tradicionalista que Freyre, como vimos, começava a delinear de forma bem articulada. Em nota inicial às suas *Crônicas da província do Brasil*, Bandeira afirma:

> A maioria destes artigos de jornal foi escrita às pressas para *A Província* do Recife, *Diário Nacional* de São Paulo e *O Estado de Minas* de Belo Horizonte. Eram crônicas de um provinciano para a província. Aliás este mesmo Rio de Janeiro de nós todos não guarda, até hoje, uma alma de província? O Brasil todo é ainda província. Deus o conserve assim por muitos anos! (11)

Para perscrutar um pouco mais as configurações literárias dessa província, o poema "Evocação do Recife", escrito em 1925 e

posteriormente publicado em *Libertinagem* (1930), não parece ter sido um acontecimento de pouca importância na vida de Bandeira; a partir de então, o tema ganha lugar cativo em sua poesia, catalisando, em princípio, uma conquista do coloquial e do cotidiano e, aos poucos, abrangendo um conhecimento especial do homem simples e à margem do processo de modernização excludente:

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das
[bananas com xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
que se chamava midubim e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam

Recife...
Rua da União...
A casa de meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa
[de meu avô.
(Bandeira, *Poesia completa* 212–14)

Vê-se, por este trecho final da "Evocação", de 80 versos, que a expressão lírica busca a matéria de sua poesia dentre os elementos que se sedimentaram ao longo da formação individual, na vivência de experiências pessoais que tendem a se universalizar como "em busca do tempo perdido". Essa perspectiva, que procura unir, ao mesmo tempo, o interesse pelo social e pelo individual, o objetivo e o subjetivo, acaba por dar a tônica das melhores obras regionalistas, que propõem construir uma espécie de painel social a partir de vivências exemplares. Esta talvez seja uma das marcas relevantes da literatura regionalista de 30, que teve inclusive incentivo no ensaísmo social e na produção para a imprensa periódica de Freyre.[9]

Mas, quanto a Bandeira, o modo particular de apreensão da realidade não se desenvolve sem contradições, jogando uma luz especial sobre a sociabilidade complexa do brasileiro: exemplo disso é a métrica livre do poema, com versos que oscilam entre a rapidez de um *flash* evocativo (como "Capiberibe / - Capibaribe" ou "Recife... / Rua da União... / A casa de meu avô...") e a narratividade que aborda cenas típicas cotidianas de uma vida urbana nascente ainda impregnada de elementos rurais, contada em versos longos que carregam um dinamismo particular. Ou seja, não estamos diante nem da rapidez futurista da Paulicéia[10] de Mário de Andrade, nem da lentidão absoluta de uma "Cidadezinha qualquer" de Carlos Drummond de Andrade (1902–1987), poeta brasileiro moderno que, em outra direção, manifestou sua relação problemática com a província.[11] Sucedem-se, em Bandeira, de modo fragmentário, sem que se perca o sentido de unidade apesar da quase ausência de verbos de ação, cenas com personagens-tipo de um mundo urbano nascente permeado por relações que remetem ao mundo agrário: "a preta das bananas", "o vendedor de roletes de cana", "o vendedor de amendoim", "pregões de ovos" etc. Assim como a modernidade chegaria com cautela nesta paisagem, o poeta se reaproxima dela com "avidez desencantada", experimentando cada detalhe de uma redescoberta inaugural de algo que já se sabe morto e que sobrevive apenas como eco—"Meu avô morto. / Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô".

Um ambíguo sentimento de unidade com relação ao que já se sabe morto também é observado em outros escritores que viriam a se tornar símbolo da escrita sobre o Nordeste, como José Lins do Rego (1901–1957), que escreveu, dentre várias obras igualmente

alimentadas pelos resquícios da memória, o romance *Fogo morto*. É interessante destacar o significado que tem, para esses escritores, a memória pessoal, a qual inevitavelmente permite ao sujeito o aprendizado com a perda e com a morte, traduzindo-se, em última instância, em uma particular captação literária da vida coletiva de um Nordeste de bases rurais em franca decadência.

No livro comemorativo dos 50 anos de Manuel Bandeira, *Homenagem a Manuel Bandeira*, o escritor José Lins do Rego oferece sua contribuição com um texto breve sobre o poeta, de apenas duas páginas, qualificado como "fraco" por Gilberto Freyre, "embora tão carinhoso" consigo, diria o "exigente" sociólogo, em carta com datação "Recife, 11 de fevereiro de 1937", ao próprio Manuel Bandeira.[12] Nesse pequeno ensaio, de tom despojado, é possível observar que, quando o romancista fala de Bandeira, inicialmente não está em questão o tema da província. Esta cresce à proporção das próprias formulações regionalistas. O Bandeira que José Lins do Rego destaca é contíguo ao Bandeira de Freyre em sua primeira crônica dedicada ao poeta: "Sente-se nos versos do poeta pernambucano, como em certas páginas de Proust, um homem que a emoção da doença aproximou da alma. Daí talvez a sua voz baixa: por ser a de um homem perto da alma" (Freyre, *Tempo de aprendiz* 177). Ou seja, não haveria uma cisão entre poeta e poesia, entre homem e obra, entre exegese e biografia na interpretação crítica. Freyre destaca em Bandeira como o tema da morte o humaniza. Do mesmo modo, José Lins do Rego assinala, na poesia de Bandeira, o que haveria de intimidade e humanidade:

> Nada se parece mais com Manuel Bandeira que a sua poesia. O homem não é no seu caso o outro lado da sua arte como sucede com Augusto Frederico Schmidt que a gente lê espantado, sem encontrar um jeito de ligar a poesia com o seu autor. A poesia de Manuel Bandeira é ele mesmo. Tem a sua sensibilidade, o lirismo pungente de sua vida, o humour mais inglês que já tivemos desde Machado de Assis. Poesia e poeta não se separam, numa simulação criminosa. Quem se aproxima de Bandeira há de sentir por força o grande tipo humano que ele é, o homem que traz consigo uma riqueza de vida, de lirismo como poucos hajam aparecido pelo nosso Brasil. (105)

Portanto a perspectiva de José Lins do Rego fica muito longe do fingimento, como presente na obra do escritor português Fernando Pessoa, ou da idéia de que estamos, na modernidade, totalmente expostos à diluição, ao desenraizamento, à morte da esperança.[13] A questão aqui é outra, uma vez que se reconhece o poeta como sujeito dono de uma experiência particular; somente a partir desse aprendizado com a história individual, eivada de desencantamentos, de frustrações e de perdas, pode-se então falar de uma província, de um Nordeste ou de um Brasil que procura ressignificar a sua própria herança, ou ainda salvar da contingência ou da morte iminente elementos que possam impor alguma barreira, ainda que frágil, à torrente do tempo, força de conseqüências ainda mais imprevisíveis num país periférico e de herança colonial.

Nesse sentido, haveria uma literatura fundada em valores como a significação, os quais, pouco tempo depois, tomariam uma dimensão coletiva ao se elaborarem os conceitos de "região" e "tradição" e, com eles, o de "província", como forma de resistência empenhada à racionalização da sociedade burguesa moderna. Nos dois escritores, Freyre e Bandeira—aos quais se poderia acrescentar o próprio José Lins do Rego—, portanto, já era possível antever que as concepções de estilo, texto e autor manteriam uma relação estreita. A idéia torna-se mais complexa quando passa a constituir o cerne da literatura provinciana, a qual evitaria, conscientemente, o autoquestionamento e a intransitividade vistos como típicos de certo veio da literatura moderna, como aquele apontado por Hugo Friedrich em sua *Estrutura da lírica moderna*. Isso não quer dizer, reforce-se, que seja uma literatura acrítica; ao contrário, trata-se de figurações conscientes da quebra, do ruído e da ruína, mas se afirmam em outro sentido, dando, ao final, uma resposta afirmativa para um ponto que é premente para a constituição da literatura moderna a partir do Romantismo, ou seja, a relação entre significação e experiência, que é elaborada, em pleno Modernismo, a partir de uma perspectiva não fraturada.

Assim, o vínculo indissolúvel entre obra e vida, que se comunicaria com a tendência autobiográfica da literatura regionalista da década de 30, seria exemplarmente realizado na obra de Bandeira, principalmente após o retorno à província dos pernambucanos. Mais adiante, no mesmo artigo, afirma José Lins do Rego:

> A língua e o ritmo de Bandeira se humanizaram ainda mais, mais se familiarizaram com a vida, mais se integraram com seus comparsas, com os que como ele têm amado e sofrido. [...] Porque não há uma palavra perdida no vocabulário deste grande poeta. Todas as suas palavras vão ao coração, tocam nas cordas sensíveis, se aderem à sensibilidade. E no entanto quando ele deixa a sua vida de lado, quando ele se dirige aos pobres, aos meninos da rua do Sabão, aos sapos tanueiros, é com a mesma tenção, com a mesma força, com a mesma ternura. É um poeta que faz pensar, que não é somente para se situar no coração. É um poeta que pensa. Mas que pensa através da sua experiência, da sabedoria pungente da sua vida, do seu caso particular. (107)

A concepção de poesia encarnada no sujeito da experiência que José Lins do Rego depreende na escrita de Bandeira se dá no confronto com a idéia de uma modernidade abstrata e solipsista. Numa linha distinta desta, a escrita de Bandeira cola-se no chão cotidiano e depreende dele minúcias que somente os destroços da memória propiciam, sobretudo quando o assunto é a província. É assim que Bandeira recupera o Recife; a partir de cacos de lembrança, o lugar de sua infância ganha contornos e vida, podendo reapresentar—ainda que por vias de contornos não tão nítidos e nem tão grandiosos—elementos de um passado já ido[14]. Desse modo, certa discussão estética que tem o Nordeste como referência, como esta de Bandeira e Freyre, num evidente movimento anticapitalista que congrega o grupo regionalista, volta-se para uma espécie de comunicação sem ruídos, acompanhada por uma orientação empenhada na práxis vital, que paradoxalmente fala de um mundo cheio de fissuras e fendas, ameaçado pela passagem do tempo, pela perda do eixo vital no sujeito da experiência e pela conseqüente perda da memória pessoal e coletiva.

Estamos diante, pois, de uma produção que se constitui como resistência e que propõe recuperar, sobretudo, usando as palavras do crítico literário Alfredo Bosi, o sentido comunitário perdido (167). Ao mesmo tempo utópica e nostálgica—ou, como diriam alguns críticos, principalmente os de linha marxista, reacionária, se nela se enxergasse uma tentativa de restauração do *status quo* perdido—, esta literatura propôs um retorno às formas mais simples de narratividade e à comunicação da experiência individual e coletiva. Principalmente

quando o tema é a província, a proposta é recuperar, junto a uma reflexão fecunda acerca da realidade de uma região em processo de estagnação econômica, a faculdade de intercambiar experiências, na trilha de Walter Benjamin[15], por exemplo, utilizando procedimentos típicos das histórias orais—como Freyre faz em *Casa-grande & senzala* ou em *Assombrações do Recife velho*—na tentativa de refrear o processo de extinção da arte de narrar e, por conseqüência, da perda dos valores do passado.

Porém a aparente ingenuidade com que Freyre e Bandeira se voltam para as questões do passado e para a necessidade de narrar as histórias—portanto, na contramão da experiência de ruptura temporal e espacial das vanguardas modernas, apesar de aproveitá-las pontualmente—não permite que vejamos, nesses escritores da província, nem só o narrador-cartógrafo, que procura mapear paisagens e populações, nem só o narrador-historiador, que busca compilar, sintetizando os dados da descoberta dos primeiros, trilhando a análise da crítica literária Flora Süssekind, em *O Brasil não é longe daqui*. Trata-se, em verdade, de escritores que alinhavam na superfície todas as experiências, contadas, escritas e vividas, em um texto que não deixa à mostra a sua articulação, não a expõe formalmente como as vanguardas pregam, mas que pode, também, ser problemático, por exemplo, ao falar de um universo de quebras e contradições, sempre presentes quando o assunto é a província.

A proposta de Gilberto Freyre de comunicação do homem com todos os elementos da sua realidade circundante, como em seu *Manifesto regionalista de 26*—e não importa neste momento se este foi efetivamente escrito em 1926 ou se em 1952, tendo em vista o apoio de outros suportes na década de 20 que corroboram a tese de que havia, de fato, um pensamento regionalista em formação já naquela época—, é bastante clara, indicando que implicava tanto uma ética quanto uma estética embutida em sua proposição:

> Saliente-se, em conclusão, que há no Nordeste—neste Nordeste em que vêm se transformando em valores brasileiros, valores por algum tempo apenas sub-nacionais ou mesmo exóticos—uma espécie de franciscanismo, herdado dos portugueses, que aproxima os homens, árvores e animais. Não só os da região como os importados. Todos se tornam aqui irmãos, tios, compadres das pessoas. Conheci

> uma negra velha que toda tarde conversava com uma jaqueira como se conversasse com uma pessoa íntima: "minha nega", "meu bem", "meu benzinho". Por que os poetas não surpreendem esses idílios? (70–71)

Manuel Bandeira partilhou dessas questões, pensou a província e seus valores como poética e ideologicamente viáveis. Contudo seria importante ressaltar que o tema constitui um veio importante de sua obra, mas não a totalidade. As contradições do mundo patriarcal e o sentimento de família e da província, por exemplo, podem ser flagrados principalmente após *Libertinagem*. O poeta não deixa de aproveitar também as lições vanguardistas, experiências extremas assumidas por seus poemas concretistas, já ao final de sua trajetória poética. Bandeira, poderíamos dizer, é escritor que congrega sentimentos distintos de poeta e de poesia, mas sua formação literária, consolidada sobretudo na década de 10 e 20, garante um modo muito particular de aproximação da realidade circundante, ao mesmo tempo em que promove um aprofundamento de questões caras à constituição do eu lírico e da poesia moderna.

Freyre, por sua vez, por seu discurso eivado de contradições e por uma natureza egotista, comunica-se sobretudo com a atmosfera da literatura de linhagem romântica. Nesse sentido, recupera o caráter "fabulosamente contraditório", fundante do espírito romântico, sem, entretanto, deixar de ser moderno. Como afirmam Michael Löwy e Robert Sayre sobre tal figuração em seus diversos aspectos:

> a um só tempo (ou ora) revolucionário e contra-revolucionário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, restitucionista e utopista, democrático e aristocrático, republicano e monarquista, vermelho e branco, místico e sensual... Contradições que atravessam não apenas o "movimento romântico", mas a vida e obra de um único e mesmo autor e, às vezes, de um único e mesmo texto. (11)

O sentimento de solidão e isolamento no período de exílio e a certeza de que a sociedade liberal e capitalista poderia promover a quebra dos vínculos e a morte da arte autêntica são sentidos nas formulações de Gilberto Freyre, que propõe, na trilha analisada por Löwy e Sayre (21), uma espécie de "reencantamento" do mundo pela imaginação.

Nessa linha, *Casa-grande & senzala* agencia uma certa reconciliação do brasileiro com seu passado, que, apesar do fundo romântico, permitiu rediscutir, dentre outros escopos, posições deterministas e pessimistas da época, adotadas, por exemplo, pelos intérpretes do Brasil Oliveira Vianna (1883–1951), Sílvio Romero (1851–1914) e Euclides da Cunha (1866–1909).

A sensibilidade romântica presente em Gilberto Freyre tem face crítica e, ao mesmo tempo, recupera não só o tema, mas também a estrutura e a visão da era pré-capitalista; inclusive, e de forma mais decisiva, procura recompor suas principais formas de significação, a contrapelo de formulações modernas burguesas. Freyre ignora deliberadamente o "pressuposto da assim chamada lírica moderna posterior a Baudelaire [como sendo] a desagregação do indivíduo e a indeterminação da categoria de experiência" (Berardinelli 63). À margem do que, em linha de regra, se entende por "literatura do século vinte " e num país marginal, Freyre acaba por ter uma posição diferenciada quando demonstra que há questões centrais na literatura e na cultura do século passado que não podem ser reduzidas ao estereótipo. A práxis poética moderna internacionalmente reconhecida teria relegado ao "provincianismo e ao localismo, ao híbrido biográfico-realista e ao sentimentalismo da confissão toda uma série de autores e de obras" (63). Freyre, com seu espírito anárquico, parece ter percebido tais problemas já no início do século e buscou, como no seu primeiro ensaio de fôlego, revalorizar positivamente este provincianismo como diferencial da literatura, da cultura e da sociedade brasileira. Portanto suas idéias, de fundo ético e estético, também se dirigem ao campo da política. Duas realizações encabeçadas pelo escritor mostram a coerência das formulações estéticas e culturais agitadas sob a bandeira da província: os já mencionados *Livro do Nordeste*, de 1925, por ele organizado, e o jornal *A Província*, que dirigiu entre 1928 e 1930, ambos com colaboração central de Manuel Bandeira.

O Modernismo, desse modo, passou a caminhar para a descoberta e para o aprofundamento das experiências brasileiras, com registro pormenorizado do cotidiano, do elemento marginal e do universo popular no transcorrer da década de 20. Tal olhar indagativo, combinando interesse sociológico, antropológico e histórico à literatura e às artes, compôs o pano de fundo do que viria a se transformar na literatura de cunho realista típica dos anos 30 e na tendência para a análise social que dominou o período. O ensaio, nesse contexto, foi

uma das principais formas literárias cultivadas, tendo papel de destaque Gilberto Freyre, ao lado de escritores como Sérgio Buarque de Holanda (1902–1982) e Caio Prado Jr. (1907–1990). Evidencia-se, assim, uma característica peculiar do Modernismo brasileiro, que tentou construir uma literatura de validade universal sem abrir mão do local, voltando-se para a análise dos problemas do país:

> É característico dessa geração o fato de toda ela tender para o ensaio. Desde a crônica polêmica (arma tática por excelência, nas mãos de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Holanda), até o longo ensaio histórico-sociológico, que incorporou o movimento ao pensamento nacional—é grande a tendência para a análise. Com o recuo do tempo, vemos agora que se tratava de redefinir a nossa cultura à luz de uma avaliação nova dos seus fatores. Pode-se dizer que o Modernismo veio criar condições para aproveitar e desenvolver as intuições de um Sílvio Romero, ou um Euclides da Cunha, bem como as pesquisas de um Nina Rodrigues. (Candido, "Literatura" 113)

Nessa passagem, o crítico literário Antonio Candido fala do ensaísmo da década 20. Mais adiante, em seu texto, menciona Gilberto Freyre em leitura que faz sobre a década de 30. O que importa ressalvar é, então, a centralidade que a reflexão analítica sobre a sociedade e a forma do ensaio tem para a geração dos modernistas da década de 20 e 30. Já naquele momento, dominado politicamente pelo então presidente da República Getúlio Vargas (1882–1954), é praticamente impossível não ver relações no ofício, por exemplo, de Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, a escritora Rachel de Queiroz (1910–2003), os pintores Emiliano Di Cavalcanti (1897–1976) e Candido Portinari (1903–1962), o compositor Heitor Villa-Lobos (1887–1959) e Mário de Andrade. O ensaísmo de Gilberto Freyre, com suas crônicas publicadas em jornal, mostra sua força estética e analítica desde a década de 20, mas sua trajetória acaba por simbolizar a convergência entre projeto ideológico e projeto estético que, no contexto mais complexo do ponto de vista econômico e social, assim como do ponto de vista político após a Revolução de 30, viria a se tornar emblemático nos anos 30. Segundo o crítico João Luiz Lafetá,

"enquanto a primeira fase das discussões cai predominantemente no *projeto estético* (isto é, o que se discute principalmente é a linguagem), na segunda a ênfase é sobre o *projeto ideológico* (isto é, discute-se a fundação da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte)" (28).

É neste contexto que os dois projetos podem ser vistos como representantes de duas vertentes distintas, irradiados a partir de dois locais e de experiências coletivas diversas: o *projeto estético* dos anos 20 foi exemplarmente vivido pelos modernistas paulistas, com Mário de Andrade ao centro; o *projeto ideológico* dos anos 30 foi modelarmente conduzido por Gilberto Freyre e pelos regionalistas nordestinos. Bandeira, por sua vez, tangencia exemplarmente, e com cautela, ambos os projetos—foi tanto um grande interlocutor de Mário em discussões sobre poesia e cultura no Brasil do período quanto um grande interlocutor dos vários escritores e artistas nordestinos que se tornaram símbolo do ensaísmo e do romance de 30, como Freyre e Lins. Mas esta argumentação, bastante intrincada, merece ser desenvolvida com maior cautela.

O crítico literário João Alexandre Barbosa (55–62), aproveitando o caminho aberto pelo prefácio de Antonio Dimas à sétima edição do polêmico *Manifesto regionalista*, assinado por Freyre, capta uma questão fulcral que diz respeito ao processo de modernização do campo literário no Brasil. Se, por um lado, São Paulo pregava uma renovação essencialmente literária, por outro, Pernambuco acrescenta a História ao centro do debate, de modo que Estética e História passam a ser, uma para a outra, o ponto de tensão que garantiria o exercício, bem logrado, de leituras modernas do passado e da cultura popular do país. A insistência com que o movimento de Pernambuco, sob a bandeira da região e da tradição, confere ao concreto, ao miúdo da experiência, ao particular, faz Bandeira convergir para o seu encontro. Em um poema como "Evocação do Recife", veríamos esses dois lados em tensão, a região e a tradição de Freyre e o aspecto estético do Modernismo paulista, presentes, por exemplo, na cadência entrecortada do verso livre e no recurso à colagem. O aspecto provinciano, pois, enfatizaria o primeiro lado da tensão, mas, se observarmos que o conceito dava abertura para a vanguarda cosmopolita em seu interior, o próprio termo "provinciano" estaria, no movimento pendular entre Estética e História, procurando o justo e sempre problemático equilíbrio entre ambos os paradigmas. Nesse sentido, a experiência

brasileira parecia não estar sozinha, pois, como afirma Hobsbawm: "Para a maioria dos talentos criativos do mundo não europeu que não estavam confinados por suas tradições nem eram simples ocidentalizadores, a tarefa principal parecia descobrir, erguer o véu e apresentar a realidade contemporânea de seus povos. O realismo era o movimento deles" (190).

· No caso do Brasil, este caminho foi realizado inclusive congregando consciência estética e pensamento de vanguarda, o que levou a figurações tensivas—e absolutamente mundanas, para usar expressão do crítico Edward Said[16], e como tal imperfeitas—como a da província.

Portanto provincianos e cosmopolitas, tradicionalistas e futuristas ocuparam a cena do debate literário no Brasil das décadas de 20 e 30, que tateava formas modernas que pudessem amplamente significar sua composição contraditória em tantos aspectos, ao mesmo tempo de herança colonial européia, ameríndia e africana, como bem ressaltou Freyre em seu *Casa-grande & senzala*, e simultaneamente fruto de um complexo agrário-exportador, baseado na família patriarcal e em relações personalistas, a enfrentar os descompassos trazidos pela industrialização ainda tímida e pelas diferenças de valores, inclusive políticos, trazidas pela imigração de finais do século dezenove e início do século vinte. O resultado disso não poderia deixar de ser interessante: mostrando estar em alerta tanto acerca de sua constituição quanto acerca da inevitabilidade da passagem do tempo e da maior complexidade social resultantes dessas mudanças, escritores como Gilberto Freyre e Manuel Bandeira recriaram um universo literário que positivou a província e seus valores de significação, articulando-os com sua própria experiência individual. Esta é uma resposta, pela literatura e pela imaginação, nascida da plena consciência acerca da ação destruidora da história que se desenrola no tempo cronológico e do seu desconcerto com relação aos rastros impregnados na memória do sujeito da experiência.

Além disso, ainda importa dizer que, se a província e suas derivações acabaram por merecer, em sua perspectiva centrípeta, um papel minoritário, como valor, no sistema literário e artístico—fato que explicaria o papel reduzido de Gilberto Freyre para a historiografia literária atuante—, o mesmo não parece ter acontecido fora daqui. Gilberto Freyre e suas idéias são extensamente debatidas em universidades estrangeiras que se dedicam ao Brasil. E, ao que tudo indica,

a província brasileira terá vida longa em outras paragens, a despeito da vontade de se escrever, de dentro, a nossa história de uma forma supostamente mais cristalina. Às vezes não é necessário o outro para que haja silenciamento ou ausência de reflexão mais conseqüente. Talvez tenhamos aprendido insuficientemente uma das lições do Modernismo brasileiro, a da pluralidade. Sinal de que os Brasis calcados podem não ter estado longe daqui.

Notas

1. Nesse contexto, segundo Leyla Perrone-Moisés, a presença de Gilberto Freyre foi decisiva na década de 30 para a valorização do elemento mestiço: "No século XX, sobretudo depois da obra de Gilberto Freyre, *Casa-grande & senzala* (1933), a situação inverteu-se, e os intelectuais passaram a declarar suas origens negras. Essa assunção lhes dava boa consciência e os marcava como verdadeiros brasileiros, diversos dos novos imigrantes europeus ou orientais. [...] Independentemente do que possam especular os intelectuais a respeito dela, a mestiçagem é um fato permanentemente consumado na América Latina e, em termos culturais e artísticos, produz resultados originais" (45).

2. O sociólogo pernambucano, ao assumir a direção do jornal recifense *A Província* em 1928, a pedido do então governador Estácio Coimbra, procurou desenvolver um trabalho diferenciado, seguindo uma linha editorial que o destacasse dos demais periódicos em circulação. Veja o que Luís Jardim afirma, em prefácio a *Retalhos de jornais velhos*, acerca da atuação de Freyre no cenário literário e cultural pernambucano: "E ainda de acordo com elas é que nos deu n'*A Província*, jornal que dirigiu de 1928 a 1930 e onde colaboraram alguns dos maiores talentos do Brasil—Pontes de Miranda, os dois Manuel Bandeira, o poeta e o desenhista, Mário de Andrade, Prudente de Morais Neto, Cícero Dias, Múcio Leão, José Américo de Almeida, Ribeiro Couto, Jorge de Lima, José Lins do Rego, Aníbal Fernandes, Olívio Montenegro—um tipo de jornal provinciano, honestamente provinciano, refletindo de preferência a vida local em toda a sua pureza de cor. *A Província* foi uma reação contra o jornal de Estado estandardizado pelo modelo do Rio—salientou uma vez Manuel Bandeira, o poeta. Gilberto Freyre, fugindo ao sensacionalismo da imprensa de ares dinâmicos, em províncias as mais pacatas, considera hoje o melhor jornal do Recife, não nenhum dos mais ricos e técnica e financeiramente mais poderosos—mas o *Jornal Pequeno*, dos irmão Medeiros, por ser o menos estandardizado e o mais provinciano no bom sentido, o mais local, o mais recifense" ("Prefácio").

3. Para citar apenas alguns exemplos de como Gilberto Freyre é visto pela crítica, leiam-se as seguintes apreciações de Antonio Candido e de Wilson Martins, sobre seu principal livro, a primeira delas já bastante conhecida: "Os homens que estão hoje um pouco para cá ou um pouco para lá dos cinqüenta anos aprenderam a refletir e a se interessar pelo Brasil sobretudo em termos de passado em função de três livros: *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, publicado quando estávamos no ginásio; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado quando estávamos no curso complementar; *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, publicado quando estávamos na escola superior" (Candido xi); "Respondendo a Oliveira Viana, por um lado, e, por outro, a Paulo Prado, *Casa-grande & senzala* seria, efetivamente um marco na história da nossa inteligência; mas só o foi, pelo menos no seu êxito fulminante e absoluto, porque a inteligência brasileira havia inconscientemente aprendido a lê-lo nos anos que vão de 1922 a 1930 e, mais particularmente, a partir de 1926" (Martins 218).

4. Vide a polêmica, a respeito da publicação de *Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900–1936*, de Larreta e Giucci, que ocupou as páginas do jornal *Folha de S. Paulo* por três domingos consecutivos no caderno *Mais!*: "Hiato de uma vida", de Maria Lúcia Pallares-Burke e Peter Burke (02 dez. 2007); "Debate emperrado", de Larreta e Giucci (09 dez. 2007); "Fontes e dívidas", de Pallares-Burke e Burke (16 dez. 2007); e "Identidade e cultura", de Larreta e Giucci (16 dez. 2007).

5. Mário de Andrade era escritor, professor e crítico literário, de arte e de música. Além de fundamental para definição dos rumos do movimento modernista no Brasil, foi figura permanentemente atuante nas vidas de Manuel Bandeira e Gilberto Freyre. Já era uma forte presença na vida de Manuel Bandeira no ano de 1925, quando este estreita relações epistolares com Gilberto Freyre. Mário de Andrade e Bandeira se encontram pela primeira vez em 1921 e, por iniciativa deste, começam uma troca de cartas em 1922 que dá origem a um dos conjuntos mais ricos de correspondência dentro da nossa cena literária e cultural. Prova disso é o volume *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, organizado por Marcos Antonio de Moraes. Com relação a Gilberto Freyre, pode-se dizer que a referência de um ao outro nem sempre foi amistosa. Em verdade, a que se deve não se sabe muito ao certo, um mito de exclusão recíproca foi construído. Para Fonseca, "as relações de Gilberto Freyre com o modernismo brasileiro estão ainda envoltas pelas brumas da incompreensão e do preconceito, seja pelo não entendimento do complexo pensamento freyriano, seja pelo preconceito dos intelectuais sulistas, que entendem ser esse movimento 'subsidiário de vanguardas artísticas e literárias originadas em São Paulo'" (219). É certo que é possível argumentar que se trata de uma polêmica sem maiores conseqüências, mas parece que a historiografia literária e cultural ainda pede estudos

sobre as relações entre o Modernismo paulista e nordestino. De qualquer modo, a relação cordial entre os colegas Freyre e Mário, que tinham grandes amigos em comum, parece ter perdurado durante toda a vida, a despeito das divergências manifestas.

6. As primeiras proposições propriamente regionalistas de Freyre, aliás, parecem um tanto extravagantes, como vemos em documento tornado público que registra, em detalhe, todas as falas decorridas no dia da inauguração do Congresso Regionalista do Nordeste: "Terminou o sr. Gilberto Freyre fazendo votos para que: 1 – Algum indivíduo menos idiota tome a iniciativa de estabelecer no Recife café ou restaurante a que não falte cor local – umas palmeiras, umas gaiolas de papagaio, um caritó de guaiamum à porta e uma preta de fogareiro fazendo grude ou tapioca – e especializado nas boas tradições da cozinha nordestina". (Azevedo 238; texto originalmente publicado no *Diário de Pernambuco* [Recife] 9 fev. 1926).

7. O poema "*Casa-grande & senzala*, quarenta anos", de João Cabral de Melo Neto, foi escrito em ocasião do aniversário do livro de Gilberto Freyre e publicado em *Museu de tudo*, de 1975: "Ninguém escreveu em português / no brasileiro de sua língua: / esse à vontade que é o da rede, / dos alpendres, da alma mestiça, / medindo sua prosa de sesta, / ou prosa de quem se espreguiça" (Melo Neto 62).

8. Sobre a configuração da cidade paulistana a partir de "experiências literárias sincopadas", consultar: Pincherle, Maria Caterina. *La cittá sincopata: poesia e identità culturale nella San Paolo degli anni venti*. Roma: Bulzoni, 1999.

9. Sobre a relação entre a atuação de Freyre como líder do movimento regionalista e o romance de 30, consultar: Almeida, *A tradição regionalista no romance brasileiro*; Azevedo, *Modernismo e regionalismo*; Castello, *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*; Trigo, *Engenho e memória: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego*. Com relação à poesia, ainda faltam trabalhos de fôlego que busquem compreender a presença nela do ensaísmo e do ideário de Gilberto Freyre.

10. Refiro-me aqui ao livro *Paulicéia desvairada*, de Mário de Andrade, lançado em 1922 e considerado uma das obras pioneiras da poesia modernista brasileira, ao lado de *Carnaval*, de Bandeira, lançado em 1919.

11. Nas cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, é possível observar que o tema do nacional e do cosmopolita era circulante no meio intelectual já na década de 20. Como exemplo, Drummond, em 1924, assumia suas reservas quanto a uma assunção de valores nacionalistas. Neste momento, era um "requintado mineiro" que escrevia, em carta a Mário de Andrade, com datação "Belo Horizonte, 22 novembro 1924": "Reconheço alguns defeitos que aponta no meu espírito. Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas, às vezes, me pergunto se vale a pena sê-lo.

Pessoalmente, acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados. Tenho uma estima bem medíocre pelo panorama brasileiro. Sou um mau cidadão, confesso. É que nasci em Minas, quando devera nascer (não veja cabotinismo nesta confissão, peço-lhe!) em Paris. O meio em que eu vivo me é estranho: sou um exilado. [...] Acho o Brasil infecto. [...] O Brasil não tem atmosfera mental; não tem literatura; não tem arte; tem apenas uns políticos muito vagabundos e razoavelmente imbecis e velhacos" (Andrade, *Carlos e Mário* 56–57).

12. A *Homenagem a Manuel Bandeira*, uma extremamente bem acaba edição publicada em 1936, conta com uma lista de colaboradores de peso, cujos nomes ficaram ligados ao Modernismo na década de 20 e 30 no Brasil, como Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Gastão Cruls, Jorge de Lima, Lúcia Miguel Pereira, Murilo Mendes, Olívio Montenegro, Prudente de Morais Neto (Pedro Dantas), Pedro Nava, Ribeiro Couto, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes, dentre outros.

13. Refiro-me aqui especialmente às teses de que parte Marshall Berman em sua reflexão sobre a modernidade em *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*.

14. Sobre a representação literária da cidade do Recife, ver artigo de Roberto Vecchi, "Recife como restos".

15. Consultar "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", de W. Benjamin.

16. "A palavra aqui é 'mundano', uma noção que sempre usei para denotar o mundo histórico real de cujas circunstâncias nenhum de nós jamais pode estar separado, nem mesmo em teoria" (Said 71).

Obras citadas

Almeida, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

Andrade, Carlos Drummond de, e Mário de Andrade. *Carlos e Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*. Org. de Lélia Coelho Frota. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Estabelecimento de texto das cartas de CDA por Alexandre Faria. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

Andrade, Mário e Manuel Bandeira. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Ed. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Editora da U de São Paulo, 2000.

Azevedo, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Editora da U Federal da Paraiba; Recife: Editora da U Federal de Pernambuco, 1996.

Bandeira, Manuel. *Crônicas da província do Brasil*. Ed. Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

———. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974.

Barbosa, João Alexandre. "Gilberto Freyre e a literatura: alguns conceitos." *Mistérios do dicionário e outras crônicas*. Cotia, SP: Ateliê, 2004. 55–62.

Benjamin, Walter. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov." *Obras escolhidas I*. Por W. Benjamin. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. 59–91.

Berardinelli, Alfonso. *Da poesia à prosa*. Ed. Betânia Amoroso. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 1994.

Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioretti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Bosi, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Candido, Antonio. "Literatura e cultura de 1900 a 1945." *Literatura e Sociedade*. 8° ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000. 101–126.

———. "O significado de Raízes do Brasil." *Raízes do Brasil*. Por Sérgio Buarque de Holanda. 8° ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. xi-xxii.

Castello, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961.

Dimas, Antônio. "Um manifesto guloso." *Manifesto regionalista*. Por Gilberto Freyre. Ed. Fátima Quintas. 7° ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1996. 23–44.

Fonseca, Edson Nery da. "Gilberto Freyre e o Movimento Regionalista." *Manifesto Regionalista*. Por Gilberto Freyre. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1996. 219–234.

Freyre, Gilberto. Carta para Manuel Bandeira. 9 de junho de 1931. Inédita.

———. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2001.

———. *Manifesto regionalista de 1926*. Recife: Edições Região, 1952.

———. *Perfil de Euclydes e outros perfis*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944.

———. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918–1926*. Vol. 1. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979.

Giucci, Guillermo, e Enrique Rodríguez Larreta. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900–1936*. Trad. Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Hobsbawm, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914–1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Jardim, Luís. "Prefácio." *Retalhos de jornais velhos*. Por Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964. 10 junho de 2006 <http://www.fgf.org.br>.
Lafetá, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. 34º ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
Löwy, Michael, e Robert Sayre. *Romantismo e política*. Trad. Eloísa de Araújo Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
Martins, Wilson. *A idéia modernista*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras: Topbooks, 2002.
Melo Neto, João Cabral de. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
Pallares-Burke, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora da U Estadual Paulista, 2005.
Perrone-Moisés, Leyla. *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
Pincherle, Maria Caterina. *La cittá sincopata: poesia e identità culturale nella San Paolo degli anni venti*. Roma: Bulzoni, 1999.
Rego, José Lins do. "Manuel Bandeira, um mestre da vida." *Homenagem a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1936. 105–107.
Said, Edward. *Humanismo e crítica democrática*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
Süssekind, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
Trigo, Luiz. *Engenho e memória: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2002.
Vecchi, Roberto. "Recife como restos." *Colóquio Letras* (jul–dez 2000): 187–200.